Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Imprensa negra e a midiatização dos discursos antirracistas: por outros afetos e epistemologias [1]

Black press and the mediatization of anti-racist discourses: for other affects and epistemologies

André Luís Oliveira de Santana
Céres Marisa Silva dos Santos

Palavras-chave: imprensa negra; epistemicídio; midiatização.

O objetivo deste artigo é discutir como as mídias negras no ambiente digital atualizam a presença dos discursos da população negra no campo do jornalismo, utilizando-se dos recursos tecnológicos e dos processos de midiatização, que implica em novas condições de produção, circulação e reconhecimento para a prática jornalística. Tendo como *corpus* da pesquisa três veículos digitais em atividade a partir dos anos 2000, será utilizada como categoria de análise o paradigma jornalístico da objetividade em diálogo com estratégias sensíveis norteadas por outros afetos e novas epistemologias.

A crítica à modernidade tem possibilitado a descoberta dos processos de silenciamentos, anulações, subalternizações e invisibilizações de conhecimentos não-hegemônicos, ou seja, não alinhados à racionalidade eurocêntrica. Esta inferiorização de

1 Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

culturas como prática do colonialismo, que vem sendo estudada sob o conceito de epistemicídio (Santos, 2000), pode ajudar a entender a ausência das contribuições intelectuais de pessoas negras na história oficial do pensamento brasileiro.

Neste sentido, são urgentes os estudos dedicados a recuperar os saberes produzidos pelos povos trazidos para o Brasil como escravizados e seus descendentes. Um dado exemplar de que a presença do pensamento elaborado por pessoas negras é tão antiga quanto as formas de silenciamento é o fato do primeiro jornal feito por negros no país, O Homem de Cor, ser datado de 1833, poucos anos depois do primeiro veículo produzido no Brasil, Gazeta do Rio de Janeiro, 1808.

As tentativas desta população negra de dominar as ferramentas para a elaboração e divulgação de ideias foram sistematicamente ocultadas da historiografia legitimada. Contudo, têm sido revistas por estudos que se dedicam a entender as estratégias elaboradas por intelectuais negros - escritores, jornalistas, literatos e artistas - para participação nos debates nacionais (Pinto, 2018). Para tanto, o uso da imprensa se fez fundamental.

É também nesse contexto de identificação e crítica à negação da produção de conhecimento dos países e povos periféricos ao eurocentrismo, que podemos recorrer a outras ideias, que associadas ao epistemicídio, contribuem para identificar a potência dessa estrutura de silenciamento. Nesse sentido, o conceito de necropolítica como uma extensão da ideia de Foucault sobre o biopoder, é por onde Mbembe (2018) aprofunda o olhar para a prática e capacidade dos estados-nações em determinar quem deve viver e quem deve morrer. Mbembe esmiuça a história para localizar e identificar as tramas internas dos estados que retroalimentam e expandem esse ‘direito’ de matar, mesmo em situações que não são de guerra, de estado de sítio ou de exceção.

Dennis Oliveira (2018) chama atenção para outro tipo de morte, inserida na ideia de necropolítica, ao recuperar o conceito de vidas nuas de Giorgio Agamben, que

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

significa as vidas consideradas como não qualificadas e, por isso, não escolhidas para estarem inseridas na esfera pública, no campo das decisões sobre a gestão da pólis. Vidas escolhidas para o exercício máximo da soberania – que decide quem tem direito a vida ou a morte. Vidas que residem nas comunidades, nas favelas e que, por falta de atendimento governamental, de assistência básica de saneamento, são hoje, por exemplo, mais de 62% das mortes por covid 19 que já ultrapassam a casa dos 120 mil óbitos no Brasil.

Uma outra reflexão que reforça esse conjunto de processos de violência e silenciamento é a de Martin-Baró, espanhol que viveu na Colômbia e foi assassinado em El Salvador, no ano de 1989. Ele compreende a violência presente na América Latina, a partir da colonização europeia, como inerente ao sistema capitalista, onde as desigualdades nas sociedades periféricas e colonizadas são estruturadas e institucionalizadas nas relações de trabalho – os grupos que podem acessar ao trabalho assalariado e os quem são jogados, no trabalho escravo: em quem acessa os direitos humanos, a cidadania e os que não acessam.

No entanto, essa 'ordem' foi questionada e enfrentada pelos grupos dos excluídos de direitos pelo Estado. Essa violência é produto final da junção de vários elementos que resultam na desumanização via violência que se solidifica na necropolítica. Então, os grupos estigmatizados passam suas vidas lutando contra a morte. E a imprensa negra brasileira emerge desse desejo.

Este artigo tem como objetivo identificar as contribuições da imprensa negra para o processo de visibilização das práticas, costumes, saberes e ideias elaboradas pela população negra no Brasil. Dentro da nova racionalidade inerente às tecnologias da informação (Sodré, 2014) e novas abordagens dos paradigmas jornalísticos (Charon & Bonville, 2016), surgem veículos midiáticos digitais identificados pelo discurso antirracista e de valorização da população negra.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Herdeiros de experiências da imprensa negra (Pinto, 2010), são sites e portais de notícias que constroem discursos contra hegemônico (Hall, 2006), em uma disputa de narrativas com os veículos tradicionalmente vinculados ao pensamento colonial moderno, a saber, construídos nas bases do positivismo, eurocentrismo, do racismo e de uma racionalidade autolegitimadora e epistemicida (Santos, 2000).

Esse artigo também objetiva apresentar como as mídias negras trazem para o tabuleiro dos embates discursivos midiáticos *vozes da diferença,* intelectualidades produzidas no âmbito das movimentações culturais, sociais e políticas negras como desobediências epistêmicas. Algumas hipóteses nos guiam: os processos de midiatização implicaram em novas condições de produção, circulação e reconhecimento para o discurso jornalístico; as mídias negras no ambiente digital atualizam a presença dos discursos da população negra no campo do jornalismo, utilizando-se dos recursos tecnológicos e da democratização dos meios de comunicação; as mídias negras digitais são espaços privilegiados de percepção do processo de midiatização das relações raciais com a configuração mediatizadas das pautas culturais, sociais e políticas das comunidades negras; as mídias negras digitais contribuem para a legitimação de *vozes da diferença*, uma intelectualidade forjada nos movimentos negros e nas dinâmicas sociais, culturais e políticas das comunidades negras.

No processo de circulação discursiva (Hall, 2006), as chamadas mídias negras digitais constroem novas formas de vinculação entre fontes e audiências, por meio do acionamento e valorização dos afetos (Sodré, 2006), possibilitando outros paradigmas legitimadores das práticas jornalísticas. Este artigo tem como categoria de análise, o questionamento da objetividade como parâmetro geral do fazer jornalístico.

Inclusive, Sodré (2016), ao sugerir o conceito de Estratégias Sensíveis, ressalta que as pesquisas e a produção do conhecimento no campo da Comunicação precisam observar a presença dos afetos, cada vez mais acionados pelas Tecnologias da

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Informação e da Comunicação (TIC's). Por outro lado, não podemos ignorar que a imprensa negra tem, como um dos seus combustíveis as emoções, desejos do campo dos afetos que desaguam na necessidade de reconhecimento, inerente à condição humana.

Afetos que foram historicamente combatidos em nome de uma racionalidade colonial, com desdobramentos que chegam à constituição da objetividade jornalística. "A afetação radical da experiência pela tecnologia faz-nos viver plenamente o sensível. É um caminho teórico que privilegia o emocional, o sentimental, o afetivo e o mítico".

Numa nova "sociedade da cultura", que implique o cultivo das possibilidades sensoriais ou afetivas, Sodré nos convoca a inserir "a comunicação ao mesmo tempo numa epistemologia compreensiva e num direcionamento político, em busca de um sentido emancipatório, diante da hegemonia mercadológica da mídia transnacional".

Autores como Nelson Traquina (2004) e Cremilda Medina (2008) assinalam que a linguagem jornalística foi estruturada a partir de princípios positivistas, seguindo os postulados da racionalidade próprios da Modernidade, o "regime definitivo da razão, em que a observação é a única base possível dos conhecimentos acessíveis à verdade, adaptados sensatamente às necessidades reais" (Medina, 2008, p. 10).

Outra base epistemológica do jornalismo está organizada sob a Teoria do Espelho que explica como no "novo paradigma das notícias como informação, o papel do jornalista é definido como o do observador que relata com honestidade e equilíbrio o que acontece, cauteloso em não emitir opiniões pessoais" (Traquina, 2004, p. 147).

A Teoria do Espelho está intimamente ligada à legitimidade e à credibilidade do campo jornalístico e ao afastamento da subjetividade no oficio do jornalista. Contudo, na nova abordagem dos paradigmas jornalísticos (Charon e Bonville, 2016) percebe-se transformações no campo social jornalístico nas últimas décadas que impactam o ofício não apenas num viés tecnológico, mas em mudanças estruturais

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

dentro dos processos jornalísticos e dos paradigmas da objetividade. (Charon e Bonville, 2016).

Os processos de midiatização implicaram em novas condições de produção, circulação e reconhecimento para o discurso jornalístico. É nesse cenário que as mídias negras digitais encontram espaço para emissão de vozes da diferença, com outros afetos e novas epistemologias.

Referências

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

CARRANÇA, Flávio; BORGES, Rosane da Silva (orgs.). Espelho Infiel: o negro do jornalismo brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. Natureza e Transformação do Jornalismo. Brasília: FAC Livros; Florianópolis: Insular, 2016.

TRINDADE, Eneus. *Mediações e Midiatizações do Consumo*. *Paper* do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR, 2014.

Hall, Stuart, C. Critcher, T. Jefferson, J. Clarke e B. Roberts; "A produção social das notícias: o mugging nos mídia" in Nelson Traquina, **Jornalismo: Questões, teorias e "estórias"**, Vega (Lisboa), 1993.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pos-modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Cultura e Representação. Tradução: Daniel Miranda e Wiliam Oliveira. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016. Discurso, poder e o sujeito. p. 76-113.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

MARTINS, Karina Oliveira; LACERDA JUNIOR, Fernando. A contribuição de Martin-Baro para o estudo da violência: uma apresentação. Pepsic: revista de psicologia política, São Paulo, v. 14, n. 31, p. 569-589, set./dez. 2014.

MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridade: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. (Org.). Sociedade midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad. 2006. p. 51-79.

MBEMBE, Achille. Necropolitica. Artes e Ensaios, Rio de Janeiro, n. 32, dez. 2016.

MEDINA, Cremilda. A arte de tecer afetos: Signo da relação 2 – cotidianos. São Paulo: Casa da Setta, 2018.

MEDINA, Cremilda. Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MEDINA, Cremilda. A arte de tecer o presente – narrativas e cotidiano. Summus Editorial; 2ª Edição, 2003);

OLIVEIRA, Dennis. A violência estrutural na América Latina na lógica do sistema da necropolítica e da colonialidade do poder. Revista Extraprensa, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 39 – 57, jan./jun. 2018.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. Escritos de Liberdade – Literatos Negros, Racismo e Cidadania no Brasil Oitocentista. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. Imprensa Negra no brasil do Século XIX. São Paulo: Selo Negro, 2010.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e America Latina. In LANDER,Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciencias sociais: perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

SANTOS, Boaventura de Souza. “Pela mão de Alice. O social e o político na transição pós-moderna”. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos Estudos, no.79. São Paulo Nov. 2007

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. As Estratégias Sensíveis, afeto, mídia e política. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

SODRÉ, Muniz. Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SODRE, Muniz. A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil. 3º ed. Petrópolis: DP & A editora, 2005.